

ALTMANN, Helena. *Educação física escolar: relações de gênero em jogo*. São Paulo: Cortez, 2015. 176 p. (Coleção Educação & Saúde, v. 11).

Alan Moraes<sup>(\*)</sup>  
Gisele Lombardi<sup>(\*\*)</sup>  
Ivanete Schneider Hahn<sup>(\*\*\*)</sup>

O universo escolar, após o seio familiar, é o principal espaço para a construção de uma consciência igualitária, em que ambos os gêneros podem e devem conviver sem diferenças. Sabedora disso, a professora Helena Altmann que atua na Faculdade de Educação Física e no Programa de Pós-graduação em Educação da Unicamp, formada em Educação Física pela UFRGS; mestre (UFMG) e doutora em Educação (PUC-Rio) levanta a discussão sobre a prática desportiva, que ocorre nas aulas de educação física escolar.

A referida autora discorre que nas aulas de educação física escolar, uma atividade que historicamente se mostra como um espaço masculino, vêm mudando sua dinâmica e as mulheres/ meninas têm conquistado espaço no mundo esportivo. O ambiente escolar e, especialmente as aulas de educação física, são palco dessa transformação, em que o corpo pode se tornar habilidoso, ampliando suas possibilidades.

O livro é dividido em duas partes, em que a primeira, com título “Gênero, Esportes e Educação Física” explora os dados de pesquisas oriundas do Grupo de Pesquisa Corpo e Educação, da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Destacando o crescimento da presença feminina no esporte, apesar de que ainda é um ambiente androgenizado, em que as práticas desportivas e corporais começam desde a educação infantil dicotomizadas onde os meninos fazem lutas e as meninas dança, isso muitas vezes chancelado pelos pais, e ainda enraizado culturalmente. Seja pelos argumentos de que certas práticas

---

(\*)Doutor em Ciências do Movimento Humano (UDESC). Professor do Curso de Educação física da Universidade do Vale do Itajaí (Univali). E-mail: Moraes.ajp@gmail.com.

(\*\*) Mestra em Exercício Físico na Promoção da Saúde (Unopar). Professora do Curso de Educação física da Universidade do Vale do Itajaí (Univali).

(\*\*\*)Doutoranda em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (Uniarp).

poderiam machucar, androgenizar e até mesmo comprometer as funções reprodutivas, informações sem base científica e resquícios de uma sociedade machista, refletem a necessidade de mais investimento, que resulte em mais incentivos na educação corporal e esportiva de meninas e mulheres.

A educação do corpo, no que se refere à sua dimensão esportiva, inicia-se na infância, ocorrendo de inúmeras e diversas maneiras, entre elas pelas imagens disseminadas na vida cotidiana em estampas de roupas, pela televisão, internet, *outdoors*, mídia impressa, redes sociais online, etc. Resultados de pesquisas desenvolvidas com imagens veiculadas pela mídia impressa e digital, indicam produtos para os homens praticarem esportes mais confortavelmente e com melhor desempenho, enquanto que para o público feminino o foco fica na estética e muitas vezes no erotismo implícito e explícito em algumas situações.

A autora também discute a importância de analisarmos os megaeventos desportivos (Copa do mundo de 2014 e posteriormente os Jogos Olímpicos em 2016) como mecanismos de conscientização da importância do equilíbrio e do respeito ao gênero feminino. Isso pode fomentar uma análise crítica dos desportos e mesmo da veiculação midiática, que por vezes prioriza os esportes masculinos em detrimento dos femininos, muitas vezes no mesmo desporto.

Os estudos do Grupo de Pesquisa Corpo e Educação, trazem à tona, ainda, a discussão sobre o fato de que a própria trajetória de inserção das mulheres nos esportes modernos advém de um intenso processo de proibições, além de tensões entre as regras que precisaram ser alteradas – de modo a possibilitar que mulheres pudessem exercer um papel ativo e que com essas adaptações pudessem ter sua prática efetiva. O que se reflete na escola, em função da esportivização que ocorre na educação física.

A discussão perpassa o gênero adentrando no ponto nevrálgico da educação física escolar, em que as práticas desportivas não deveriam ser a base das aulas, mas sim o desenvolvimento do ser humano, na sua faceta motora aliada, indissolúvelmente ao cognitivo e ao psicossocial.

A tensão gerada entre a desportivização e a democratização das práticas corporais pautam uma reflexão quanto aos conteúdos das aulas de educação física escolar, lembrando a remotos tempos (mas, ainda em voga em determinados estabelecimentos) da divisão das turmas por gênero e nesses ambientes distintos as práticas também assim o são, criando guetos, um *apartheid* que não leva em consideração os princípios fisiológicos, mas sim culturais e de muitas vezes *inculturais*. Esses espaços dicotomizados

podem constituir num ambiente formador de indivíduos competitivos e estimuladores de enfrentamentos entre gêneros, subsidiando desde a tenra idade uma competição e não uma cooperação.

A autora faz essa discussão com maestria e nos leva a refletir profundamente sobre o tema, embasando suas análises nos estudos conduzidos por seu grupo de pesquisa.

A segunda parte, a autora intitulou “Gênero e Educação Física Escolar”, onde ela apresenta os resultados de uma pesquisa empírica etnográfica em que elucida a maneira como essas relações perpassam o conteúdo e as práticas pedagógicas da educação física, embasadas nas experiências de meninos e meninas nas aulas em atividades desportivas extraclasse, fatos observados entre março e setembro de 1997.

As observações embasam que a ocupação polarizada dos ambientes desportivos escolares são reflexo de uma predominância masculina, seja pelo uso da força ou por uma caricatura do esporte como um produto androgenizado. A autora apresenta que há uma cumplicidade feminina, talvez para manutenção do *status quo*, mas que essa barreira está sendo muitas vezes rompida e que elas adentram espaços ditos masculinos e se sobressaem, bem como os meninos permeiam as atividades femininas participando e interagindo, apresentando uma resistência crescente a esse modal historicamente instaurado.

Ao finalizar o texto a autora faz uma interpretação da aula de educação física como um ambiente para múltiplas vivências, que não se limita a educar, modelar e aprimorar o corpo, mas fortalecer as relações e o respeito entre gêneros. As contribuições do texto para a discussão de gênero na escola é o principal motivo que recomendamos enfaticamente a leitura e a análise dessa obra, a qual pode contribuir muito para a educação formal e informal brasileira.

Texto recebido em: 10/05/2017.

Texto aprovado em 15/05/2017.